

transforma-se o amador na coisa
amada

camões: *soneto* 21

os poemas

a coisa amada

*algumas dalias iria
de qualquer galho
amiga amante destino
embora entre mil no álbum
nos lábios-romã
horizontes... olhos
lépida branca
ó úmida pétala
mulher com jeito de onda*

o amador

*aqui, dentro
que prazer tocá-la
no fogo, flamas
sonho contigo cem noites
onde espuma espraia
cáusticos adeuses
modulação de cordas
...e volto. Volta-se
âmbar gris
porque existes - agônica*

elos/eros

*rasgo o catálogo
essa dócil silhueta
pervigil toda a noite*



descobre-se de-repente
vertiginosa presença

Algumas dalias iria
pôr numa jarra: palavras
certa tenção de acolher
– Por que vieste
tão de-repente?
Conversa este espanto
até serenar
Sobre nós, abrupta
tudo está por ser dito

no campo neutro
contra o azul

De qualquer galho
oculto pássaro
evola-se... Enorme
cresce o vazio
De-pronto cala-se
o guitarreio no ar
de um par de cigarras
No azul azulíssimo
o luzeiro acende-se

– Ela, a coisa amada

retrato-estudo

buscado pelo léxico

Amiga amante destino
é norte nuvem náutila
aroma melodia maçã
amora margem amarra
rima romance romã
lago laço látego
âncora angra guarida
imo ilha ínsula
verde andorinha ave/lã

inteira
da cabeça aos pés

Embora entre mil no álbum
te apontem - Essa, quem é?
Não te bastava, guardiã
ser arauta dos grandes mitos
Te deitas: de teus quadris
cresce um mundo
Fazes um gesto: esculpes
Te calas: morrem as rosas
Abres a boca: ordenas

(Me paro, para verouvir-te)

novo retrato
só o rosto

Nos lábios-romã
bica-lhe as pevides
um pardal
Pelo nativo domínio
relevo das faces
as asas espalma
Na pelúcia das penas
me extravio - ponho
OVAL & BRUNO

elogio da parte
os olhos

Horizontes... Olhos
onde o Sul luzia

Gêmeos sem escolhos
calma simetria

livro sem refolhos
Olhos? Clara via

Ó líquidos olhos
onde estive um dia

– pura travessia

venatória - ou
o caçador & a lebre

Lépida

branca

rápida

lebre

brusca,

resvalava

fugia

desenhando

um nome na areia

agora

retarda-se

demora

redonda
como um fruto

Ó úmida pétala
ciosa corola
tua entrega, lenta
dádiva: favor

Vela esse noturno
fundo (im)penetrável
recolherei a púrpura
tuas invenções

(grande felina –
horizontalmente)

Linossígnica

Mulher com jeito de onda

agridoce bebida –
revel agora, logo submissa
Gaivota das tardes
asa de cotovia
reiteradamente
igual a si-mesma
diferente sempre
ao meu olhar cativo

armas & bagagens
passa-se pra outra bandeira

Aqui, dentro
no mais-profundo
Esfomeado falcão
crava a lâmina
Não explica. É
Veio com setembro
luz renovo - bôlido
Que triunfe sobre
a desarmada presa
Quando fui tão vivo?
QUANDO FUI TÃO VIVO?

o ramo desfolhado
se recobre de cristais

Que prazer tocá-la!
em suas perfeições
Que festa! leio-a
em cada ser que vejo
Universal abraço
vou rompendo os astros
Já não ando – corro
Já não corro – voo
Danço louco louco
recrio o mundo, EU

onde trabalhos & dias
vão melhor que a paz

No fogo, flamas
e cinza. No cais
sal e salsugem
No ar, névoa
e nuvem. Na terra
negror e rosas
No coração, o amar
Amar? Maginar
dia-e-noite. – Ser,
Ofélia, não-ser

belicosa
Belacoisa

Sonho contigo cem noites

Que sono-sonho ruim
ai! aquele Belicosa
em que te ofuscas de mim
Com vosso carro de guerra
Belacoisa, és fino gume...
Grito bem alto teu nome
Voltas sequer o olhar
pra mim! que espelhos rompi
pra no teu brilho rever-me...

. . . e prossigo
à contraluz

Onde espuma espraia
quase vai ninguém
ali, e desengãos
pescador à linha
me vejo. . . Vejo?
Vou dizendo ao ar
ah ser de fuga!
que reinvento em poema
és rima apenas –
bem-me-quer
mal-me-quer
rosicler. . .

a casa
da (des)razão

Cáusticos adeuses

Mobilizo o grosso
léxico de A/Z. São vinte
cartas mais uma
contra silêncio-ausência
Escrevo. Acuso. Reescrevo
– Quem bate?!
(abro o aligrama)
"VEM, QUERIDO. BEIJOS."
queimo-as, uma a uma, na chama

quase copla
em louvor dela

Modulação de cordas
nascendo das ondas
no ouro da aurora
Balé florindo
soprado a anjos
em concha estriada
– Antiquíssima
de perdidas vias?
Das grutas profundas
nua e una mulher
vestida de mar

idílio
Intimidade

...**E** volto. Volta-se
sempre. Terra! Terra!
– Aqui
no asfalto onde fulges
minha aguda certeza
de estar-vivo, te adoro
Inclina a cabeça, amor
olha! um girassol no meu ombro:
que eu sinta teu ser-mulher
– final o que busco em ti

tudo mais claro, canção

Âmbar gris
de dentro do mar

diamante
da ardente lavra

palavra
dentre as muitas vozes

– desvirgino tua
clara superfície

afloro outra
à luz, a absoluta

pesar dos pintados lábios & faces
amor não é louco passatempo
shakespeare: *sonnet 116*

Porque existes – agônica
fatalidade – ignoro
fronteiras, evidências ignoro
Atravesso teu ser, viajo-te
todos os longes, perco-me
em teus confins. Me encontro
para além-morte
Cerro os olhos. É quando
jorram fulgurações! – Existo

Rasgo o catálogo de nomes
Consumo o arsenal. Não,
não te configuro
 Úmida do barro, és desmedida
telúrica, indomável
 Os longos cabelos
– olhar de estátua –
teu universo é o da paixão
 Atriz-pantera-femina
no momento novo
o dom te humaniza, inocente!

Essa dócil silhueta, ainda
um teu disfarce: espantoso
fitar-te os abismos

Desafio -
a cada instante engendras
a difícil ciência, teu clima
Ó grande dialeta, Eva-Maria!
Did he who made the Lamb make thee?
Ao mar meu gesto de homem
ó multiface! me rendo
diante do teu saber

III

Pervígil toda a noite,
eu. Quando saíres
pelas aléias do jardim real
te arrebató, magnífica
 Oh a ira dos deuses
sobre mim, sobre nós, os molossos
da lei! Guerrearão, Elena
Tróia, meu reino, teu império
 Pelos séculos – em rito
todas as mulheres hão de vir
COLHER DE DENDRITES A LEGENDA

ORELHAS

Xavier Placer, que veio do poema em prosa, publica esta segunda plaqueta de poesia em verso. *Minipoemas* foi a anterior;

e quis que uma companheira do ofício escrevesse em poucas palavras sobre seu novo pequeno livro;

francamente não vejo que se possa melhor salientar senão que suas composições se alinham na via da linguagem-construção;

poema único, *elos/eros* faceta-se em módulos, de versos mais vezes justapostos que conectados. Ao invés de títulos, sintéticas manchetes. No tríptico final, o trunfo da relação amador-coisa amada.

Em *elos/eros* depara-se a lavra de um artista-poeta. "Uma forma (o dizer é de Curtius), geradora da expressão";

linguagem - no retângulo branco da página, para os olhos; nos timbres, para o ouvido. Quanto ao tema...

embora a epígrafe aponte para pensar Eros na linha da Idéia, trata-se da concreta afinidade eletiva homem-mulher, corpo-alma;

sim, versada ao nível psicológico: o reconhecimento, a crise e a identificação. Não espere porém encontrar nele lirismo - Você deve (e o livro então se abrirá) apelar para as próprias vivências.

Maria Margarida M. Terra